



## “ISSO NÃO É CLOSE, SÃO CONDIÇÕES”: O PROCESSO DE DEVIR DRAG NOS PARTICIPANTES DO CURSO DE DRAG QUEEN NO IV FESTIVAL DA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DO RECIFE

Lucas Cavalcanti Barbosa <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente ensaio apresenta uma discussão sobre o processo de devir drag através de uma experiência etnográfica. As drags queens foram escolhidas como sujeitos desse estudo, justamente por proporcionarem a contestação de certas normas regulatórias que tentam enquadrar os indivíduos em uma perspectiva heteronormativa, de continuidade e consonância entre o sexo, o gênero e o desejo sexual. É através da montagem, do ato de transformar seu corpo através de uma série de mecanismos e técnicas que criam a ilusão de um corpo feminino, que as drag queens podem ser vistas enquanto indivíduos que combatem a naturalização das expressões de gênero. O processo de devir drag ou de tornar-se drag, na qual se atém esse ensaio, não ocorre de modo imediato, mas se configura como um processo que demanda alguns procedimentos prévios, como a obtenção de um nome, o planejamento em relação ao vestuário e a aquisição de algumas habilidades estéticas para criar a ilusão de um corpo diferente da anatomia do performer. Logo, o objetivo principal desse trabalho é descrever como ocorreu o processo de devir drag entre os participantes do Drag Queen Curso (DQC), promovido pelo IV Festival da Diversidade Sexual e de Gênero do Recife. A análise partirá dos exercícios propostos, dentro do curso, para o estabelecimento de uma personagem drag, tais como criação de um nome drag, exercícios de dublagem, maquiagem, dança, passarela e teatralidade.

**Palavras-chave:** Drag Queen; Devir, Gênero.

### INTRODUÇÃO

Drag Queen é o termo atribuído aos indivíduos que se vestem de modo performático e caricato, a fim de parodiar o fenótipo feminino atribuído socialmente à mulher. Ao se utilizarem da técnica de montagem corporal, através de indumentárias, como perucas, maquiagens, acessórios, vestimentas, etc, assumem um papel de ressignificação das categorias de gênero, problematizando os essencialismos dos papéis sexuais. Com o ato de se “montar”<sup>2</sup>, as drag queens deixam evidente as normas regulatórias que constroem os indivíduos que não se enquadram em um padrão heterossexual, de consonância entre o sexo, o gênero e a sexualidade.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: lucas.ca@hotmail.com

<sup>2</sup> Termo cunhado pela comunidade LGBT para se referir ao processo de construção da personagem drag. Os processos implicam em uso de maquiagens, vestimentas, utilização de acessórios, a fim de se criar uma “nova” persona.



O ato de se montar ou a “montação” é uma característica marcante da cultura drag, porém não é um atributo exclusivo da contemporaneidade. Desde a Grécia antiga, por volta de 534 a.C., os homens já personificavam o feminino para as apresentações culturais em teatros, já que a presença das mulheres era proibida dentro do corpo de atores, justamente por não serem consideradas cidadãs. Nos dias atuais, o ato de se montar se expandiu para todos os públicos, deixando de ser um elemento exclusivo do universo masculino. A montagem consiste, basicamente, em parodiar um gênero oposto ao seu<sup>3</sup>, com o apoio de maquiagens, acessórios, vestimentas, que criem essa ilusão de um corpo feminino, porém, muitas das vezes, se utilizando do exagero.

Diante disso, a montagem tem um grande papel político, pois ao parodiar um gênero oposto ao seu, as drag queens permeiam na liminariedade entre os universos masculino e feminino, problematizando as normas sociais e redefinindo as convenções culturais que de forma impositiva os sujeitam a seguirem um padrão de conduta heteronormativa, os enquadrando enquanto corpos abjetos. Contornando esse lugar de abjeção, em que o indivíduo é tido como “anomalia” por não seguir certos padrões de comportamento, as drag queens transpõem as barreiras essencialistas e demandam esforços para a contestação da naturalização das expressões de gênero.

Sendo assim, nesse ensaio etnográfico, estabeleço como campo o curso de drag queen, que ocorreu entre os dias 14 e 18 de novembro de 2016, na boate Miami Pub, localizado no bairro da Boa Vista, na cidade do Recife, com o objetivo de promover a cultura drag queen e oferecer a possibilidade do indivíduo se estabelecer como profissional da área. O curso foi facilitado pelo arte-educador Zecarlos Gomes, na qual proporcionou que os participantes trabalhassem com técnicas de dança e teatro, com exercícios de dublagem, criação de coreografias, passarela e técnicas de maquiagem, dando base para a construção de sua própria personagem drag.

Para compreendermos o processo de devir drag é preciso utilizar a abordagem de autoras como: Judith Butler e Guacira Louro. As perspectivas dessas teóricas irão possibilitar uma compreensão mais eficaz acerca desse processo e da importância política/social do “ser drag”. Diante disso, proponho, neste ensaio, a analisar como ocorreu o processo de devir drag, nos participantes do curso de formação de Drag Queens, promovido pelo IV Festival de Diversidade Sexual e de Gênero do Recife.

---

<sup>3</sup> No caso das mulheres que fazem drag, a montagem se dá através do reforço de certos estereótipos visuais atribuídos ao feminino, sempre de maneira exagerada.



## METODOLOGIA

Compreendo que para a realização desta pesquisa foi necessária uma “observação flutuante<sup>4</sup>”, nos termos de Goldman (1999), pois realizei o campo em uma sociedade na qual faço parte, tendo o cuidado redobrado de estar atento aos elementos em minha volta, através de um olhar qualitativo para a obtenção das informações. Foi no processo de escrita desse ensaio que pude pensar analiticamente e textualizar a cultura, nos termos de Cardoso (2000), a fim de estabelecer uma relação entre o dito/observado com a bibliografia composta nesse trabalho.

Para Marisa Peirano (1995), um bom trabalho etnográfico é feito a partir da simetria de diálogo entre o conhecimento do pesquisador e o conhecimento do pesquisado. Nesse contexto, “as impressões de campo não são, portanto, apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa” (PEIRANO, 1995, p. 08). É nessa perspectiva, que a convivência entre os interlocutores também foi fundamental para possibilitar uma maior percepção dos fluxos dos acontecimentos.

## ENTRANDO NO CAMPO

Fundado em 2010, pelo arte-educador Zecarlos Gomes, O Drag Queen Curso (DCQ) foi o primeiro do Brasil a oferecer a possibilidade do indivíduo se estabelecer como profissional da área. Além de trabalhar com técnicas de dança e teatro, o curso, que já passou por muitos estados brasileiros, oferece base para a construção da sua própria personagem drag, com exercícios de dublagem, criação coreografias, passarela e técnicas de maquiagem. No Recife, a seleção para o curso aconteceu por meio de inscrição online, as aulas tiveram duração de uma semana e foram ministradas no espaço interno do clube Miami Pub, localizado no bairro da Boa Vista.

Minha primeira impressão ao chegar no local foi a diversidade do grupo, tanto em relação ao gênero, quanto à sexualidade. Éramos treze pessoas, três mulheres e dez homens. Dentre as mulheres, uma bissexual e as demais se classificavam como hétero. O mesmo não

---

<sup>4</sup> Por ser frequentador de espaços LGBTQI e compartilhar de algumas práticas e hábitos, por morar na mesma sociedade, que meus interlocutores, a observação flutuante, ou seja, a observação atenta aos fatos, em que o pesquisador está sempre em situação de pesquisa, fez-se necessária.



acontecia entre os homens, na qual, nove se declararam homossexuais e um como heterossexual. O grupo era misto, tinham drags conceituadas, que já tinham uma carreira, um reconhecimento e indivíduos que nunca tinham tido essa experiência.

No primeiro momento, na tentativa de me aproximar com os interlocutores, fui levado a questionar os meus próprios hábitos cotidianos, a fim de estabelecer uma relação de interação e possibilitar o questionamento de certas evidências estabelecidas previamente ao campo. Segundo Grossi (1992), é fundamental se pensar na relação que se pode estabelecer entre o pesquisador e o pesquisado, pois, é devido a ela que a antropologia pode ser “construída a partir da especificidade da relação entre o pesquisador que investiga um objeto similar a ele mesmo e do investigado que interage com o pesquisador” (GROSSI, 1992, p. 8). É nesse momento que, Roberto Cardoso de Oliveira (2000), diz que o pesquisador se volta para si e reflete sobre o outro, se redescobrando no mesmo, seja no ato da interação ou no da reflexão da experiência.

Assim como Favret-Saada (2005), acredito na importância do não distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado, da necessidade de se deixar afetar pelo campo, de restaurar a sensibilidade na pesquisa, através da imersão na realidade do interlocutor. Essa necessidade de o pesquisador ser afetado, segundo Favret-Saada, “não implica que ele se identifique com o ponto de vista [do investigado], nem que ele aproveite a experiência de campo para excitar seu narcisismo” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 6), mas estar em um lugar isento de intencionalidade, a fim de compreender as subjetividades deste.

## SE AUTOCONHECENDO COMO DRAG QUEEN

Como primeira dinâmica, foi pedido que sentássemos no chão e abrissemos um círculo. A intenção era que cada um se apresentasse, explicitasse o porquê de participar do curso e a sexualidade, caso se sentisse confortável. O objetivo era entender o contexto de cada participante, a fim de construir uma dinâmica do autoconhecimento. Em quase todos os depoimentos, podia-se notar a dificuldade da família em aceitar a sexualidade e a repressão sofrida pelos mesmos.

*Drag 1<sup>5</sup> – Tenho vontade de sair de casa, minha família não entende minha Drag, minha identidade, minha sexualidade. Não me sinto livre, me sinto preso a um lugar na qual não pertença.*  
[Depoimento em 14 de novembro de 2016]

---

<sup>5</sup> Para manter a identidade dos entrevistados preservada os nomes não serão divulgados.

Segundo Mary Douglas (1976), os indivíduos são coagidos culturalmente a “exterminar” de si mesmo tudo o que é classificado fora dos moldes estabelecidos socialmente, tudo que está fora dos padrões sociais, tudo que remete a “anomalia”. Nesse contexto, é notório observar que na maioria dos depoimentos, a família atua na recusa dos indivíduos que não se enquadram nos moldes heteronormativos da sociedade, sendo aqueles considerados como desviantes dos padrões sociais estabelecidos culturalmente.

Ainda nos exercícios pela busca do autoconhecimento, foi sugerido uma outra dinâmica. O espaço da Miami Pub apresentava espelhos nas laterais, então foi pedido para que os participantes se enfileirassem na parede oposta ao espelho e refletissem sobre sua trajetória de vida, a fim de entender “quem você realmente é”. Na medida em que as pessoas se encontrassem, deveriam caminhar em direção ao lado oposto até chegar na outra extremidade da sala.

*Drag 2º - No início fiquei parada, refletindo sobre minha vida e pensei que já tinha chegado na plenitude em muitos aspectos, pela minha idade, a minha vivência, não que eu cheguei no total, porque acho que a gente está sempre buscando, mas hoje eu me considero plena em vários sentidos. Então, teve uma hora que eu pensei, eu vou andar e vou direto até o espelho. Eu não tenho mais muitas dúvidas em relação a mim, a minha personalidade e eu já me construí bem legal. Então, eu acho que fui a primeira a sair andando, não fui rápido, obviamente, porque meu processo de construção não foi rápido e saí andando em direção ao espelho, de forma lenta, pensando em toda minha vida, nesse momento, e a partir do momento que eu fui, acho que isso encorajou as outras pessoas a saírem do lugar e isso foi um exercício interessante.*

[Depoimento em 14 de novembro de 2016]

Esse exercício deu base para os indivíduos se reconhecerem como drag queens e ao refletirem sobre traços da personalidade e sua experiência de vida, os alunos, que ainda não tinham atribuído nome a sua personagem Drag, puderam escolher um que os representassem da melhor forma. “A transformação drag é subsidiada na aquisição de um nome, que não obrigatoriamente se designa oposto ao original do performista, mas cuja enunciação sinalize a incorporação de uma série de atributos comportamentais e visuais característica da passagem ao personagem” (SANTOS, 2012, p. 124).

Após esse primeiro contato com o campo, pude perceber que a formação de uma personagem drag, perpassa os limites do corpo, das técnicas de montagem corporal, mas

---

<sup>6</sup> Para manter a identidade dos entrevistados preservada os nomes não serão divulgados.

incorpora, também, elementos internos da personalidade que contribuem para uma construção de uma identidade drag queen.

## **LIBERANDO A DRAG DENTRO DE SI: TÉCNICAS DE DUBLAGEM, COREOGRAFIA E TEATRALIDADE**

O segundo passo para a construção da personagem drag foi trabalhar técnicas que possibilitavam externalizar a personalidade dos participantes, a fim de aprender posturas, mecanismos, gestualidades que deem subsídios para a construção de suas personagens. O salto, por exemplo, é uma referência na cultura drag queen, representado como sinal de empoderamento. Diante disso, os participantes do Drag Queen Curso, tiveram, inicialmente, que aprender técnicas de desfile e passarela que possibilitaram o aprimoramento do seu potencial imagético e artístico.

Como forma de dinamizar o aprendizado do salto, foi pedido para que os alunos formassem uma fila, de modo transversal e desfilassem, sem pausas, de um canto da sala a outro, nesse momento, sem o salto. Após um determinado tempo, o facilitador colocou uma música de fundo e pediu para que os participantes colocassem seus saltos e desfilassem novamente. Pude perceber, com isso, que o modo de desfilar mudou, como se a presença música e do salto fizesse efeito na passarela.

*Drag 2 - Foi muito interessante, porque ninguém caminhou do mesmo jeito. Todo mundo já parecia uma Drag Queen profissional. A música entrou em todo mundo e, pelo menos para mim, a minha drag já começou a incorporar, a música fez total diferença. Foi aí que eu cheguei à conclusão que a drag é a explosão de todos os sentimentos que acontecem de uma vez.*

[Depoimento em 15 de novembro de 2016]

Segundo Santos (2012), a presença do salto reforça a personalidade do transformista, sendo um elemento de montagem marcante, pois promove uma aproximação do indivíduo com o gênero na qual está representando, no caso, o feminino, ajudando a construir sua personagem. Outros elementos importantes que configuram a cultura drag, e, nesse sentido, identifico cultura por um conjunto de indivíduos que, por apresentarem particularidades ou atributos análogos, compartilham características socialmente significativas, estabelecendo uma categoria cultural, são a dublagem e coreografia.

Pensando na profissionalização dos participantes como drag queens, a DQC também propiciou dinâmicas, em que os alunos pudessem desenvolver, de modo eficaz, as técnicas de

coreografia e dublagem. No primeiro momento foi pedido que se formassem dois grupos e cada qual ficaria responsável por montar uma coreografia, com o auxílio do facilitador. Foi recomendado que cada grupo utilizasse um lençol e de modo criativo o incorporasse nos movimentos. Os participantes também tiveram a oportunidade de aprender técnicas de sincronização labial que puderam utilizar nos exercícios de dublagem, junto à coreografia.

Com o intuito de despertar a capacidade de improvisação dos alunos, um exercício de teatralidade também foi proposto. Formando grupos com quatro pessoas, os indivíduos deveriam improvisar situações de diálogo, de acordo com um tema proposto pelo facilitador. Duas pessoas do grupo ficariam responsáveis por fazer a voz e criação do contexto das falas e as outras pela interpretação e dublagem das mesmas. Essa dinâmica propiciou que os participantes pudessem interpretar diversos personagens, permeando entre os gêneros, afinal, as drag queens “se satisfazem com as justaposições inesperadas e com as misturas. A drag é mais de um. Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e seus afetos” (LOURO, 2004, p. 20).

### **A METAFORMOSE DRAG: O PROCESSO DE MONTAGEM CORPORAL**

O processo de montagem é um dos passos mais significantes para a incorporação de uma personagem drag, é através dele que é possível externalizar sua personalidade através de maquiagens, vestimentas, perucas, etc. Segundo Mesquita, esse procedimento “é realizado com o intuito de protagonizar um espetáculo[...] e aparecer de forma notável em público. Trata-se de um processo ritualizado, cujo objetivo é a demarcação de territórios afetivos, políticos e identitários” (MESQUITA, 2013, p. 30).

Ao iniciarem o processo de montagem corporal, as drag queens tentam aproximar-se do fenótipo feminino atribuídos socialmente à mulher de um modo extravagante, assumindo um papel de ressignificação das categorias de expressão gênero. Ao fazerem isso, as drag queens mostram que a forma que os indivíduos, no geral, se apresentam socialmente, seja no âmbito do corpo, do gênero ou da sexualidade, são convenções amparadas em valores morais para que os sujeitos se coloquem em conformidade entre o sexo, o gênero e o desejo, ou seja, sob uma “matriz heterossexual”.

Nesse ponto, é através da performatividade<sup>7</sup> do gênero que se pode entender que há uma necessidade de repetir e reformular essas normas para que a ordem social seja mantida,

---

<sup>7</sup> um ato ou sequência de atos que tem por objetivo reforçar as convenções culturais que, de algum modo, atuam como reguladores sociais, atribuindo um lugar de abjeção aos indivíduos que não se enquadram em uma lógica heterossexual que estabelece uma consonância necessária entre o sexo, o gênero e o desejo sexual. Essa

que, no caso, é pautada através da heteronormatividade. Assim, “se a verdade interna do gênero é uma fabricação e se um gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos” (BUTLER, 1999, p. 136 apud SALIH, 2015, p. 93).

É através do ato de se montar, ou da “montação” que as drag queens parodiam o gênero e subvertem esse ideal regulador. Esse ato envolve uma série de técnicas e habilidades com o objetivo de transformar e/ou aproximar o corpo do sujeito performer de uma anatomia diferente da sua. A manipulação do pênis, para criar a ilusão de uma vagina, o uso de acessórios que aproximem o indivíduo de característica socialmente atribuídas às mulheres, como o uso de maquiagem, vestimentas, ajudam a criar essa “ilusão”. Segundo Louro (2013), “é nesse momento que a drag efetivamente incorpora, que ela toma corpo, que ela se materializa e passa a existir como personagem” (LOURO, 2013, p. 87).

No DQC, os alunos puderam aprender técnicas simples para a construção da maquiagem, o processo envolve feminilizar e suavizar os traços do rosto para se criar uma ilusão de uma face feminina.

1º Passo – Escondendo a sobrancelha: O processo é feito com cola bastão, pente de sobrancelha, talco ou pó translúcido e a base em bastão da cor da pele. Deve-se passar a cola bastão no sentido contrário ao crescimento dos pelos, para acumular o máximo de cola. Depois, usa-se o pente para deixar a sobrancelha uniforme. Em seguida, usa-se uma esponja com talco para selar a cola e dar o aspecto liso. Por fim, deve se esperar secar e, finalmente, passar a base bastão por cima e selar novamente com o talco, dando pequenas batidinhas.

2º Passo – Uniformizando o rosto: Esse processo é feito com base, corretivo, pancake e pó. Passa-se o corretivo, seguido do pancake, da base e do pó, com o intuito de esconder as imperfeições do rosto e dar um aspecto mais uniforme.

3º Passo – Criando um novo côncavo, criando o delineado e recriando a sobrancelha: Coloca-se um pedaço de finta no canto dos olhos onde se quer fazer o delineado. Depois, deve-se criar um novo côncavo, começando na linha da sobrancelha, com o lápis de olho. Após isso aplica-se uma sobra de sua preferência. O próximo passo é a desenhar a sobrancelha com o lápis de olho, arqueando-a de acordo com sua preferência.

4º Passo – Criando a profundidade do rosto: Com uma base mais escura deve-se passar nos lugares em que se quer dar profundidade, com leves riscos. O contorno é feito seguindo as

---

atribuição do gênero à performatividade se dá, pois, os indivíduos nunca se identificam por completo com essas normas que são impostas, havendo a necessidade de sempre serem reiteradas e reformuladas, reforçando a construção dos sujeitos sob uma perspectiva heterossexual (BUTLER, 2016).



preferências de cada um, mas os mais comuns são nas maçãs do rosto e na linha do nariz para afilar. Os contornos também podem ser usados no canto da testa para destaque.

5º Passo – Iluminando e finalizando: Com o iluminador deve-se ressaltar as partes que se quer que apareçam. Feito isso passa o Blush e o fixador de maquiagem

6º Passo – Boca: Com um lápis especial para os lábios, deve-se fazer os contornos, seguindo a forma natural da boca ou ao redor, criando um novo formato. Para finalizar, usa-se um batom de sua preferência.

Feito todo o processo de maquiagem, passa-se para o processo corporal, onde tenta-se incorporar a silhueta feminina, e recriando aspectos marcantes do corpo, como os seios e a vagina. Segundo Santos, “quando a prótese ocupa o espaço de um membro ausente, ela está cumprindo a função de existir psiquicamente naquele corpo a fim de integrar o sujeito ao conjunto de sensações que são estabelecidas culturalmente para definir o organismo completo” (SANTOS, 2012, p. 130). O processo de montagem corporal, ensinados no DQC são:

1º Passo – Esconder os órgãos genitais: Deve-se esconder o pênis e os testículos para dar uma impressão de vagina. O processo se dá colocando uma fita e puxando os órgãos para trás. Outro método seria usar várias calcinhas, a fim de retirar o volume.

2º Passo – Seios: Para criar a ilusão dos seios deve-se usar vários sutiãs, dando volume no peitoral ou próteses específicas.

3º Passo - Peruca: Deve-se usar uma touca e através de grampos ou cola do tipo acrílico colar a peruca na mesma, com o objetivo que ela fique presa a cabeça.

Por fim, é notório afirmar que os processos de montagem corporal se projetam na tentativa de se alcançar a aparência feminina na sua mais perfeita forma, atribuindo características próprias de acordo com sua personalidade, logo,

“o repertório de qualidades estéticas é o cenário onde acontece a transformação drag queen e lugar de acesso a subcategorias criadas com vistas a enquadrar personagens. Os procedimentos que demarcam a metamorfose de um corpo anatomicamente masculino em uma figura híbrida traduzem o lugar do gênero na autopercepção e construção de si” (SANTOS, 2012, p. 192).

## **O ATO POLÍTICO POR DETRÁS DO DEVIR DRAG**

Se desprender de todas as amarras impostas ao seu gênero, todas as normas regulatórias que te atrelam a um tipo de conduta, subverter padrões estéticos através da arte, tudo isso faz do devir drag um elemento importante para se combater as convenções culturais pautadas na

heteronormatividade. Sob essa ótica, Louro (2013) afirma que os indivíduos que burlam ou se desviam dessas normais regulatórias sofrem algum tipo de sanção social:

“Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. [...] Esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. [...] Provavelmente serão rotulados (e isolados) como ‘minorias’” (LOURO, 2013, p. 89).

É através da montagem, do ato de transformar seu corpo através de uma série de mecanismos e técnicas que criam a ilusão de um corpo feminino, que as drag queens podem serem vistas enquanto indivíduos que combatem a naturalização das expressões de gênero. Elas atuam como “críticas paródicas” (LOURO, 2013) justamente por estarem desconstruindo e reconstruindo os seus corpos através da imitação e subversão do feminino, se apropriando de certos tipos de códigos ou comportamentos desse universo, expondo, assim, que a maneira como nos apresentamos socialmente não passa de construções sociais amparadas pela cultura.

Sob essa ótica, Butler (2004), afirma que as drags entram no campo político ao contestarem o que é entendido e aceito enquanto real. Elas nos mostram que a realidade atual pode ser questionada e novas realidades podem surgir. Segundo a teórica, atribuir um lugar de irrealidade aos indivíduos que não se encaixam em um padrão hegemônico de comportamento, é tanto uma forma de controle social, como uma violência extremamente desumana. Logo, “a questão central sobre as drags não é simplesmente produzir um espetáculo prazeroso e subversivo, mas sim alegorizar as maneiras espetaculares e consequentes em que a realidade é tanto reproduzida quanto contestada” (BUTLER, 2004, p. 2018 – Tradução minha<sup>8</sup>)

Em suma, o processo de devir drag pode ser considerado um ato político por mostrar que a suposta crença na coerência existente entre o sexo, o gênero e a sexualidade não passam de um meio para o controle e normalização das identidades. Se afastar dessa realidade normativa, performar um gênero diferente do qual você se identifica, mostrar, através da montagem, que os nossos corpos são, de fato, construções legitimadas por regras morais que estipulam um determinado tipo de comportamento, gestos, atitudes; todas essas são pontos no qual o devir drag perpassa.

---

<sup>8</sup> Texto original: “The point about drags is not simply to produce a pleasurable and subversive spectacle but to allegorize the spectacular and consequential ways in which reality is both reproduced and contested”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação do pesquisador e do pesquisado é fundamental para qualquer pesquisa etnográfica. A entrada no campo é sempre um processo complexo e difícil, pois o pesquisador será visto como não pertencente ao grupo ou comunidade estudadas e deverá criar mecanismos para diminuir a distância entre seus interlocutores. Deixar-se afetar pelo campo e as subjetividades nele presentes é uma forma de se criar uma comunicação interativa, possibilitando uma maior experiência pessoal do pesquisador no trabalho de campo.

O trabalho de campo me propiciou um deslocamento da minha visão de mundo, a fim de entender a complexidade do que procurei estudar. É sob esse aspecto que construo este ensaio etnográfico, identificando as drag queens como sujeitos sociais que questionam padrões sociais de comportamento e categorias binárias de expressão de gênero. Também me propus a identificar os processos de construção de uma personagem drag queen, tendo como base os processos de montagem corporal, como forma contestação de certas normas regulatórias de expressões de gênero.

Sob esse aspecto, as drag queens podem nos fornecer um grande exemplo de subversão dessas normas regulatórias através da sua montagem, isto é, do ato de parodiar um gênero oposto ao seu, através da utilização de vestimentas, acessórios, maquiagens, que criem a “ilusão” de um corpo anatomicamente diferente do performer. Ao fazerem isso, as drag subvertem a lógica da naturalização das expressões de gênero, deixando evidente que a maneira como nos apresentamos no âmbito social, na verdade, são convenções aparadas por valores morais pautadas sob um viés heteronormativo.

Através desse ângulo, podemos perceber que o devir drag ocupa um papel central para a contestação dessas normas regulatórias. Tornar-se drag é se livrar de todas as amarras sociais que coagem os indivíduos a seguirem sob a tríplice de uma matriz heterossexual, ou seja, de estarem em consonância entre o sexo, o gênero e a sexualidade. As drag queens rompem barreiras, ultrapassam fronteiras, adentram em um universo em que a arte atua de forma libertária, desprendendo os indivíduos de toda e qualquer perspectiva hegemônica de naturalização das expressões de gênero.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: Sobre los límites materiales y discursivos del «sexo». Buenos Aires: Paidós. 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** São Paulo, Unesp, 2000.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado.** Revista Cadernos de Campo. Vol. 13, n. 13, 2005. Tradução de Paula Siqueira.

GOLDMAN, Marcio. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. **Alguma Antropologia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MESQUITA, Marina Leitão. **The Haddukan Family in Concert:** Uma análise do amadrinhamento entre transformistas e drag queens. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE. Programa de Pós Graduação em Antropologia, Recife, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Ouro Preto: Autêntica, 2016.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia.** UNB: Série Antropologia 130, 1995.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar** – Uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRN. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Natal, 2012.